REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 242

11 DE SETEMBRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa agora não pensa senão na maneira como ha de festejar a chegada de Capello e Ivens, como ha de manifestar a esses dois gloriosos heroes a sua admiração, a sua sympathia, o seu reconhecimento.

E é justo tudo o que se faça em honra d'esses dois illustres exploradores, que com a sua coragem, com a sua dedicação, com os seus feitos, levantam o nome de Portugal perante o mundo inteiro, refazem-lhe a tradição brilhante e gloriosa que elle tem na sua historia, resuscitam os seus grandes periodos aureos, que muitos julgavam para sempre enterrados nas profundezas dos seculos.

Nós estamos sempre para ahi em familia a lamuriar sobre o nosso presente humilde e modesto; não ha ninguem como nós para dizer mal de tudo que é nosso, para se humilhar de si proprio, para desdenhar do presente e para descrer do futuro!

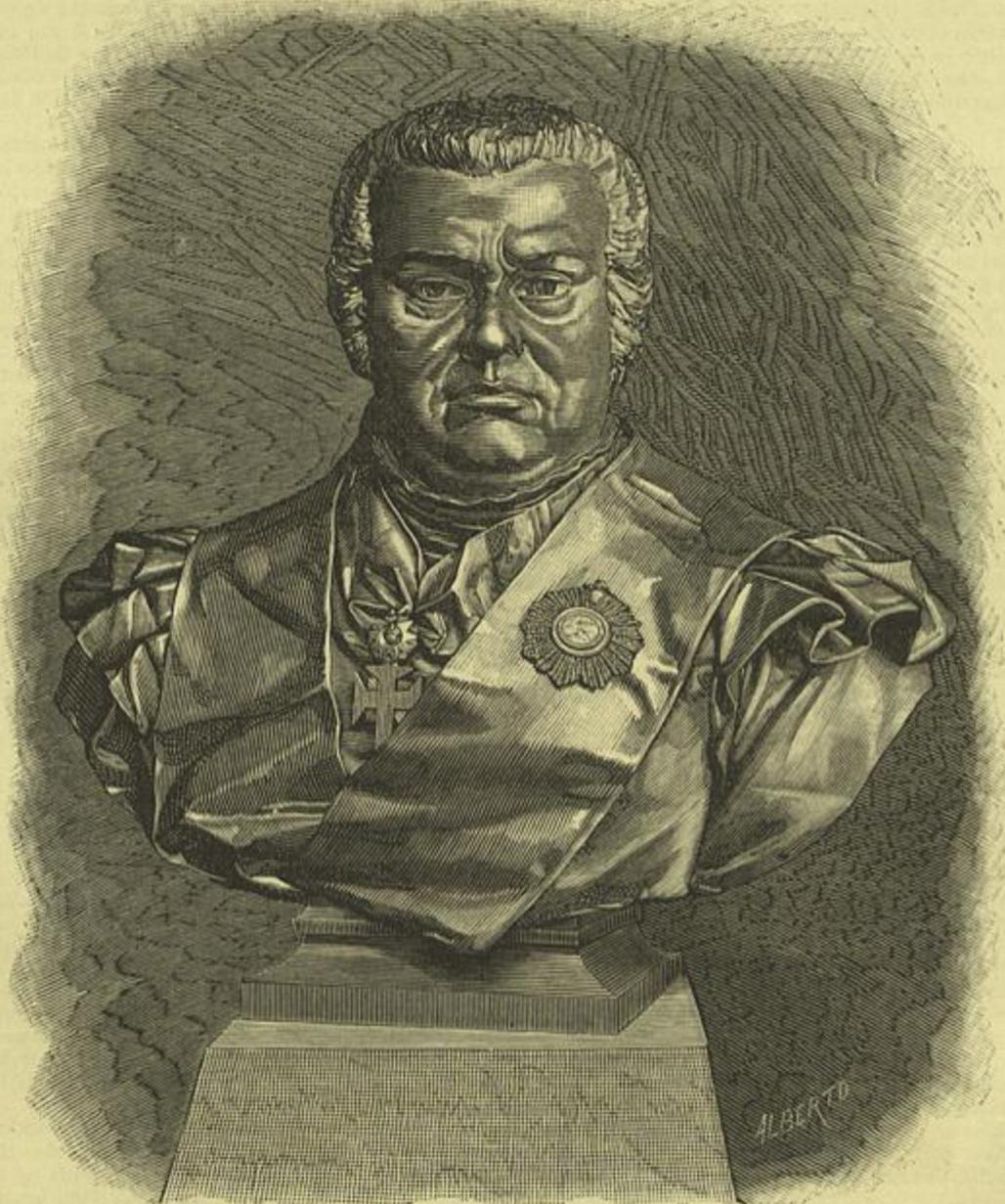
«Portugal é uma nação morta», é o *Kirie* obrigado d'essa ladainha sem fim que a todo o passo resmungamos, quer nos artigos dos jornaes, quer nas conversações da vida intima, com grandes ares desoladores, e o abatimento profundo de um desalentado; e entretanto os factos desmentem triumphantemente esse pessimismo desanimador, e a exposição portugueza em Anvers mostrou á Europa que Portugal não é tal um paiz morto, e agora Capello e Ivens acabam de provar gloriosamente que, bem longe de ter acabado o seu papel na historia, Portugal entra activamente n'um periodo novo e brilhante de vida historica, e accentua os seus direitos sagrados a caminhar na vanguarda das grandes nações coloniaes na exploração d'essa região uberrima por tanto tempo mysteriosa, e que hoje é o ponto de mira de todos os povos da Europa — a grande região africana.

Um paiz que tem filhos como Capello e Ivens, como Anchieta e Serpa Pinto, nunca pode ser um paiz morto. E apesar de toda a nossa rhetorica sceptica e desalentada, os feitos d'esses heroicos compatriotas são tão grandes, são tão brilhantes, que a vida que muitos julgavam fugida do sangue do nosso povo, gira-lhe novamente pelas veias com a energia desusada e abundante de um rejuvenescimento, e esse povo adormecido acorda ruidoso, forte, alegre, para victoriar os seus heroes, para lhe entoar hosannas triumphaes, com um enthusiasmo sincero e profundo, com uma convicção unanime e expontanea, enthusiasmo e convicção de bom agoiro, enthusiasmo que nunca poderia aninhar-se n'um coração prestes a deixar de pulsar, convicção que nunca poderia germinar n'um cerebro que vae deixar de pensar.

Capello e Ivens são mais que dois heroes triumphantes: são duas affirmações radiosas da nossa vida de povo, dos nossos direitos de nação civilisada. Elles fizeram mais que levar o nome portuguez atravez as mysteriosas regiões ignoradas da Africa: levantaram-no entre as nações brilhantes da Europa. Fizeram mais do que affirmar a existencia de pontos duvidosos na carta de Africa: affirmaram a nossa nacionalidade, a nossa vida na grande carta do mundo civilisado. São mais do que dois exploradores illustres: são duas glorias nacionaes, são o triumpho radiante do nome portuguez.

E por isso todo o paiz, unido n'um só sentimento, prepara-se para fazer uma festa extraordinaria a esses seus dois gloriosos filhos, e Lisboa assistirá no dia da chegada de Capello e Ivens a uma festa nacional brilhante e imponente como de ha muito se não faz no nosso paiz, como tambem de ha muito não ha vivos que a mereçam.

A recepção de Capello e Ivens no Tejo deve ser de um effeito deslumbrante.

O illustre ministro da marinha, que tem, pela sua influencia e pelo valente impulso dado á viagem exploradora de Capello e Ivens, parte brilhante nos resultados gloriosos da expedição, acompanhado pela direcção da Sociedade de Geographia, a quem cabe a enorme honra de ser a iniciadora em Portugal d'esta nova epocha de estudos das colonias e de exploração das regiões africanas, vão esperar a Paço de Arcos os bene-

BUSTO DE FRANCISCO DE ALMADA E MENDONÇA, INAUGURADO NO DIA 5 DO CORRENTE, NO CEMITERIO DO PRADO DO REPOUSO, NO PORTO

Modelo de Soares dos Reis, fundido em bronze nas officinas da Empreza Industrial Portugueza, a Santo Amaro

meritos exploradores a bordo de um navio de guerra. Outro navio de guerra, levando todas as commissões organisadas para festejarem Capello e Ivens, acompanhará esse navio, que será seguido por vapores com os socios da Sociedade de Geographia e as suas familias. A Real Associação Naval formará uma brilhante esquadrilha no Tejo, em frente da torre de Belem; a commissão da imprensa de Lisboa, composta de representantes de jornaes de todas as cores politicas, que depõem as armas das luctas partidarias em frente do grande feito patriotico, trata de organisar um explendido cortejo de barcos, fragatas, canôas de todas as formas e tamanhos, representando as principaes povoações maritimas do paiz, e com as suas tripulações proprias trajando os seus fatos caracteristicos, o que, se se puder realisar no curto espaço de tempo de que se dispõe, será de um grande effeito pittoresco.

E o dia da chegada dos illustres exploradores e dias seguintes serão verdadeiros dias de festa nacional.

Por toda a parte e com uma grande actividade enthusiastica se organisam commissões para trazerem a sua nota festiva a esse hossanna triumphal que a nação inteira entoa em honra dos seus dois heroicos e gloriosos filhos.

Não caberia nas dimensões da nossa chronica a resenha minuciosa d'essas festas que se preparam. Citaremos como as principaes o banquete que a Sociedade tenciona offerecer aos exploradores no Jardim Zoologico, onde em seguida se realisará um grande festival nocturno; a medalha de honra cunhada expressamente pela mesma sociedade para solemnisar o grande feito de Capello e Ivens; os dois saraus que a imprensa de Lisboa trata de organisar, um para já, para a chegada dos dois exploradores, e outro para mais tarde, quando, aberto o theatro lyrico, se puder dispor de muitos mais elementos para se fazer um grande festival artistico, sendo o producto d'estas duas festas applicado á fundação de uma escola de geographia colonial com o titulo de Capello e Ivens; o offerecimento aos dois illustres exploradores de dois grandes volumes, contendo milhares de assignaturas do povo de Lisboa, e que será como que o bilhete de boas vindas offerecido a Capello e Ivens pela população da capital, etc., etc.

Emquanto Lisboa se entrega enthusiastica a estes preparativos alegres de festa, de festa que tem uma alta significação de vitalidade nacional, que são uma affirmativa eloquente e brilhante contra todos aquelles que nos julgam um paiz corroido pela anemia e anniquillado pela indifferença em materia de patriotismo, a Hespanha affirma tambem a sua poderosa vitalidade em manifestações muito menos alegres e tranquillas, infelizmente, mas que muito a honram e que lhe tem valido a sympathia de todos os paizes da Europa.

A questão das ilhas Carolinas, que parecia ter já entrado no caminho de uma solução conciliadora por meio da diplomacia, aggravou-se repentinamente, pela noticia de ter uma canhoneira allemã tomado posse, mesmo na presença de um navio de guerra hespanhol, da ilha de Yap.

A exaltação briosa do povo hespanhol, que serenara um momento, na esperança de uma solução honrosa para Hespanha, recrudesceu medonha em frente d'este aggravo violento.

E foi tão violenta essa recrudescencia, que se chegou a julgar inevitavel uma guerra, cujos resultados não seriam faceis de prever, mas que em qualquer dos casos seria uma grande calamidade para a Europa.

Felizmente no momento em que escrevemos estas linhas, as noticias telegraphicas são já menos assustadoras, e mesmo sem se ser muito optimista pode prever-se a probabilidade de solução pacifica.

Parece por esses telegrammas que a Allemanha não tem vontade de romper hostilidades com a Hespanha e que pelo contrario procura os meios de evitar conflicto.

A attitude tomada por todo o povo hespanhol, n'essa conjunctura tem merecido o applauso e as sympathias geraes.

É sempre bello o espectaculo d'um povo que preza acima de tudo a sua dignidade, e que mesmo na occasião em que paira sobre elle uma grande catastrophe, uma epidemia medonha que ha quatro mezes faz uma mortandade horrorosa na população hespanhola, sabe revindicar com uma energia varonil, com um vigor masculo os seus direitos patrios.

Entretanto é possivel que a attitude demasiadamente bellicosa, que algumas manifestações mais impensadamente aggressivas, por parte d'algumas povoações, tenham prejudicado até certo ponto o andamento da questão pelo caminho diplomatico, e posto em embaraços serios o governo hespanhol.

Oxalá que todos esses embaraços desappareçam e que depois de tantos receios de guerra, uma solução honrosa, mas pacifica, venha terminar o conflicto que tão grande e tão justificada sensação tem produzido em toda a Europa e muito especialmente em Lisboa.

Gervasio Lobato.

FRANCISCO DE ALMADA E MENDONÇA

Inaugurou-se hoje no cemiterio do Prado do Repouso o monumento erguido por um grupo de patriotas á memoria do illustre corregedor do Porto, Francisco de Almada e Mendonça.

Merecia bem essa homenagem da posteridade, o magistrado activo e integro, cujos despojos mortaes repousaram até agora humildemente vellados por uma mesquinha lapide de marmore.

O Porto deve muito a esse cidadão insigne, que foi como o precursor de uma pleiade de homens prestantes, que collocados á frente d'este municipio, teem com a sua dedicação e a sua honestidade contribuido de um modo notavel para o engrandecimento de uma das cidades do paiz que n'estes ultimos tempos mais se tem desenvolvido e aformoseado.

Está pois satisfeita uma divida de reconhecimento e gratidão a um dos vultos que mais sympathicamente se destaca na galeria gloriosa dos varões que pelos seus serviços a esta terra merecem ter o nome inscripto no pantheon dos benemeritos.

Francisco de Almada e Mendonça nasceu nos Olivaes em 30 de fevereiro de 1757, tendo por progenitores João de Almada e Mello e D. Joaquina de Lencastre. Seu pae foi 9.º senhor de Villa Nova de Souto d'El-rei, 7.º senhor do morgado dos Olivaes, 11.º senhor de Albergaria da Magdalena, 9.º alcaide-mór de Palmella, tenente general dos reaes exercitos, governador das armas do partido do Porto, governador das justiças da Relação e casa da mesma cidade, inspector da casa do subsidio litterario e do cofre dos direitos das tres provincias do norte.

João de Almada veio para o Porto em principios de 1757, por occasião do tumulto que se deu contra a companhia dos vinhos, trazendo comsigo seu filho Francisco de Almada, ainda de tenra edade. Fez este os seus primeiros estudos no collegio de S. Lourenço (Grillos), completando-os na Universidade de Coimbra, onde se formou em 9 de março de 1783.

Logo em 29 de maio do mesmo anno foi nomeado corregedor e provedor da comarca do Porto e em 26 de dezembro de 1791 casou com D. Antonia Magdalena de Quadros e Sousa, de quem teve um filho, João de Almada Quadros de Sousa Lencastre, creado primeiro barão de Tavarede em 1804 e depois, primeiro conde do mesmo titulo em 1848; e uma filha que casou com o morgado da Roliça. O actual conde de Tavarede, João d'Almada Quadros Sousa Lencastre, é pois bisneto de Francisco d'Almada.

O dedicado corregedor do Porto, que por espaço de 20 annos exerceu aquelle elevado cargo com rara prespicacia e exemplar dedicação, herdára com as nobres qualidades de seu pae, o mesmo affecto que este consagrára á cidade do Porto, a qual dotára egualmente com obras grandiosas.

Assim devem-se a João de Almada e Mello:

O edificio do tribunal e cadeias da Relação, cuja primeira pedra collocou em janeiro de 1765.

Fôra por ordem de Filippe II que em 1583, se construiram no campo do Olival os alicerces da primeira cadeia, mas a obra não proseguiu, sendo em 1630 o edificio concluido pelo conde de Miranda. Em consequencia, porém, das suas acanhadas proporções demoliu-se para dar logar ao actual.

A Porta do Sol, levantada em 1774 em substituição de uma outra que alli existia, sendo esta ultima tambem arrasada em 1875 por causa do augmento que teve o edificio do governo civil.

O muro e largo da Victoria, onde mais tarde, por occasião da guerra civil, esteve estabelecida uma bateria de artilheria.

A rua de S. João, que devia desembocar defronte da igreja da Misericordia, na rua das Flores.

Parte das ruas dos Inglezes, de Santo Antonio e do Almada, recebendo esta ultima o seu nome.

O aformoseamento da entrada da cidade, pelo lado da Ribeira.

E o largo de S. Roque que se demoliu para a abertura da rua Mousinho da Silveira.

Foi tambem por iniciativa de João de Almada e Mello, coadjuvado por Francisco José da Serra Craesbeeck de Carvalho, governador das justiças, Miguel José de Moura e Alvaro Leite Pereira, que no Porto houve o primeiro theatro lyrico italiano.

Esse theatro estava estabelecido em uma casa do largo do Corpo da Guarda, á esquerda da Calcetaria, e que é hoje habitada pelo sr. João Correia, director da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Foi inaugurado em 15 de maio de 1762 com a opera *Il Trascurato*, de Pergholesi, isto é, 8 annos antes de ter representado no theatro da rua dos Condes, em Lisboa, a primeira companhia regular, de opera, da qual fazia parte a famosa Zamperini e que fôra contratada, com o resto dos cantores, pelo notario apostolico da nunciatura, Galli.

Finalmente, como prova do seu bom gosto pelas letras, fundou em 1761 a *Gazeta Litteraria*, repositorio de noticias muito interessantes d'aquella epocha.

Pela menção d'estes factos vêr-se-ha que Francisco d'Almada e Mendonça seguiu as tradicções de actividade de seu honrado pae, por que durante a sua laboriosa administração levou a effeito as seguintes obras:

Em 1790, o pittoresco passeio das Fontainhas e a fonte que alli existe.

Em 1792 a Casa Pia, cuja primeira pedra lançou em 21 de junho. Este edificio fôra construido para asylo de orphãos abandonados e creanças pobres, mas mais tarde applicou-se a prisão militar e ao serviço das secretarias da guarnição e por ultimo a quartel general e governo civil.

Foi destruido em parte, por um incendio em 1847, mas reedificaram-o logo em 1849.

Em 1797, o quartel de Santo Ovidio, que póde comportar, com as novas commodidades dadas aos soldados, 1:300 a 1:400 praças.

Em 1798 o real theatro de S. João, edificado segundo os projectos do architecto italiano Vicente Manzoneschi.

Francisco de Almada mandou tambem reconstruir a muralha do passeio das Virtudes e devem-se igualmente á sua iniciativa os edificios dos Paços do concelho da Povoa de Varzim e de Paredes.

São estas as obras mais notaveis que realisou, mas a par d'ellas devem-se-lhe outros aformoseamentos valiosos.

Falleceu Francisco d'Almada em 18 de agosto de 1804, contando apenas 47 annos de idade e era tal a sua pobreza, que o seu enterro foi feito a expensas de alguns admiradores das suas virtudes civicas e de amigos dedicados.

O seu cadaver foi conduzido para a Casa Pia e d'alli transportado para a igreja da Santa Casa da Misericordia, de que fôra provedor desde 1794 até á hora da morte, sendo-lhe dada alli sepultura na capella-mór.

As suas ossadas trasladaram-se em 1839 para a campa raza que se abriu á entrada do lado sul do cemiterio do Repouso, defronte da capella, collocando-se-lhe uma lapide em que se liam estas simples palavras:

Francisco d'Almada e Mendonça nasceu em 30 de fevereiro de 1757, morreu em 18 de agosto de 1804. Para aqui trasladado em 1 de dezembro de 1839.

Francisco d'Almada e Mendonça era commendador da ordem de Christo, moço fidalgo com exercicio no Paço, do conselho de S. M., desembargador do Paço, primeiro senhor donatario da villa de Ponte da Barca, primeiro alcalde-mór de Marialva, corregedor e provedor da comarca do Porto, presidente do cofre da mesma cidade, intendente de marinha, presidente da junta administrativa da fazenda e arsenal, superintendente da alfandega, do tabaco e saboarias, conservador do juizo do sal e das commendas, juiz do subsidio litterario, das moedas, dos contrabandos e dos processos de policia, inspector das obras publicas nas tres provincias do norte e juiz geral dos contados do reino.

O monumento que acaba de lhe ser erguido deve-se á iniciativa do intelligente e prestante director geral dos cemiterios, o reverendo Alexandre Pinheiro, que promoveu particularmente uma subscripção para occorrer ás despezas d'aquella obra.

Consiste em um busto collossal assente em um pedestal de marmore, no mesmo sitio do antigo jazigo.

O busto modelado pelo laureado estatuario portuense Soares dos Reis, foi copiado de um retrato a oleo existente no edificio dos Paços do concelho. A fundição em bronze fez-se, de um modo muito correcto, nas officinas da Empreza Industrial Portugueza, a Santo Amaro.

O pedestal, desenhado tambem por Soares dos Reis, foi executado na officina de canteiro do sr. Bernardo Marques da Silva, d'esta cidade.

Na frente do referido pedestal lê-se em lettras de bronze o seguinte epitaphio:

Franciscus de Almada et Mendonça
Vir amplissimus, egregius portucalensis
præfectis, urbem operibus,
seipsum et magistratum
virtute insigniter exornavit
Natus est III nonas Februari
MDCCLVII
Obit XV calendas septembris
MDCCCIV
Neque mortuus, nam per tempora
vivet.

O monumento é muito elegante e bem proporcionado e constitue uma obra d'arte digna de apreço.

A inauguração assistiu a camara municipal, cujo presidente, o sr. dr. Correia de Barros descerrou o busto, que se achava vellado com a bandeira do municipio.

O sr. director geral dos cemiterios depois de proceder á benção do mausoleu, celebrou uma missa por alma do inclito corregedor, cuja memoria insigne deve ser venerada e respeitada por todos os portuenses.

Porto, 5 de setembro de 1885.

Manuel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PORTA DA ATAMARMA

Das oito portas que fechavam o cinto de muralhas da velha Santarem fortificada, a mais notavel era a da Atamarma. Ao passo que sobrepujava as outras na grandeza, aquinhoava-se brilhantemente na historia d'aquella povoação preclara.

Era um monumento nacional a porta da Atamarma.

Por ella havia entrado o fundador da monarchia portugueza, para acabar de vez com o dominio arabe na rainha das villas ribatejanas.

Em 1843 passou por alli Garrett, e disse: «Os illustrados municipes Santarenos teem tido por vezes o nobre e generoso pensamento de demolir esta porta! o arco de triumpho de Affonso Henriques, o mais nobre monumento de Portugal!

A idéa é digna da epoca.

Felizmente parece que tem faltado o dinheiro para a demolição; e o senatusconsulto dos dignos padres conscriptos não póde ainda executar-se.»

Vinte e dois annos depois (1865), o governo portuguez approvava o orçamento da camara municipal de Santarem, no qual se lê o seguinte: «ameaçando ruina o antigo arco da Atamarma, a camara julgou não protrahir a sua demolição, e por isso pôz de arrematação esta obra por trinta e nove mil réis, resultando d'aqui pedra e tijolo calculado em mais de cem mil réis.»

Felizmente os *dignos padres conscriptos* poderam obter a importante quantia de trinta e nove mil réis para executar-se o seu *senatusconsulto!*

E ficaram muito satisfeitos com a sua obra de demolição, porque lhes abundou a pedra para calçar as ruas, e o tijolo para edificar casebres.

Malvados!

Não disse bem. Houve tempo, em que certos actos de barbarie, commettidos n'este pacifico paiz, me davam a nota da malevolencia do indigena. Hoje em dia penso de um modo diverso. Em geral o indigena não é má pessoa; mas não sabe o que faz, é ignorante. A escola tem elle tanto horror, como os corpos ao vacuo. Se alguma vez se lembra de ler duas ou tres paginas de um bom livro, é para mais facilmente adormecer, nunca para se instruir ou meditar.

E por estas justissimas razões está sempre prompto para destruir, raras vezes para edificar.

Deus lhe perdôe.

Não existe hoje rastro nem signal do arco da Atamarma. Por fortuna o OCCIDENTE poude obter um desenho d'elle, feito por João Christino da Silva, antigo professor da Academia das Bellas Artes, e por isso archiva nas suas paginas mais uma gravura que representa um padrão de gloria nacional.

Zephyrino Brandão.

TEMPLO DE NOSSA SENHORA DA PENHA EM PERNAMBUCO

Achando-se arruinado o primitivo convento dos Capuchinhos, em Pernambuco, instituido ha mais de dois seculos, resolveu a Ordem construir um novo templo, no mesmo local do antigo, empregando todos os seus esforços em obter donativos para tão arrojado commettimento, pois os recursos da Ordem, que professa a pobreza, não chegariam para emprehender uma modesta fabrica, quanto mais para uma edificação monumental como a que hoje se ergue em Pernambuco.

Foi encarregado de deliniar o projecto do novo edificio o architecto romano sr. Carimini, collaborando tambem no referido projecto o ex-perfeito da Ordem Fr. Seraphim de Catania.

O lançamento da primeira pedra celebrou-se, com toda a solemnidade, a 6 de novembro de 1870.

O edificio da nova egreja de Nossa Senhora da Penha tem 65 metros e 70 centimetros de comprimento com a largura de 28 metros e 40 centimetros. A forma ou a configuração do edificio é de uma cruz latina contendo tres naves com um magestoso zimborio, cuja chave vem a ficar na altura de 42 metros, comprehendendo-se n'essa altura a elegante claraboia sobre a qual deve ser collocada uma imagem collossal de Nossa Senhora da Penha. Por traz d'esse zimborio erguem-se duas elegantes torres de 40 metros de altura com a forma quadrangular de 5 metros e 70 centimetros até á elevação de 20 metros, transformando-se o resto para a forma octogna.

Todo o edificio é de ordem corynthia.

A vista principal da fachada, que olha para a praça de Nossa Senhora da Penha tem 28 metros e 40 centimetros e reparte-se em tres vistas: a central com 13 metros e 80 centimetros de comprimento, e as lateraes com 7 metros e 30 centimetros. A altura da fachada é occupada por duas ordens sendo a maior de 12 metros e a menor de 13, comprehendendo-se n'esta segunda ordem o frontespicio.

A primeira ordem, ou a ordem inferior, é ornada por quatro columnas e duas meias pilastras, que dão tres intercolumnios. A altura d'essas columnas, que se baseam sobre o nivel da egreja, superior ao do pateo em 1 metro e 5 centimetros, é de 10 metros e 40 centimetros, ficando comprehendidos n'essa altura todos os ornatos sobre 1 metro de diametro. O intercolumnario central da fachada tem de largura 5 metros e 70 centimetros, e contém duas pequenas pilastras com 7 metros e 20 centimetros de altura, comprehendido o ornato, que rodeia todo o edificio e que sustenta um arco de 2 metros e 15 centimetros de raio, debaixo de cujo raio abre-se a porta principal, que tem 2 metros e 70 centimetros sobre 5 metros e 80 centimetros de luz: todos os mais ornatos são de ordem do mais delicado corynthio. Os dois menores intercolumnios tem 1 metro e 55 centimetros convenientemente ornados.

Sobre essas quatro columnas ha um entablamento com 2 metros de altura, que anda em redor de toda a fabrica: sobre esse entablamento começa a ordem menor ou segunda, tendo 4 columnas com as suas respectivas repartições e ornatos, como as da ordem maior, e 6 metros e 50 centimetros de altura. No intercolumnio central da sobredita ordem menor abre-se uma grande janella dividida em tres partes e ornada de architrave e frontespicio ao gosto romano. Sobre as 4 pequenas columnas fica o entablamento e frontespicio triangular, que é o complemento da fachada.

As duas vistas lateraes da fachada, que correspondem ás duas naves tambem lateraes, são convenientemente ornadas de pilastras com intercolumnas arcadas, no meio das quaes abrem-se as portas correspondentes ás naves lateraes: sobre as ditas pilastras anda o entablamento por cima do qual um atico ornado de bases e cimalha.

A nave principal tem 26 metros e 50 centimetros de comprimento desde a porta até ao primeiro arco do zimborio; e desde esse arco até ao fundo da capella-mór 24 metros e 30 centimetros, tendo a dita capella-mór 10 metros e 60 centimetros de largura. A nave central é sustentada por 8 columnas, 4 de cada lado, e 4 pilastras, 2 de cada lado, tendo as columnas 9 metros e 95 centimetros de altura sobre 1 metro de diametro, formando com as pilastras 5 intercolumnios. Sobre as columnas e pilastras começa o entablamento de 1 metro e 98 centimetros, que percorre o interior de toda a nave e cruz. Por cima do entablamento segue-se uma facha direita ou recta com 60 centimetros de largura, nascendo d'essa o principio de semicirculo, que forma o forro da grande abóboda da da nave central.

No meio dos cinco intercolumnios abre-se sobre a cimalha uma janella de 1 metro e 50 centimetros de largura sobre 3 metros e 40 centimetros de altura arcada. Sobre o ingresso da porta principal da nave central, na altura de 6 metros e 80 centimetros, acha-se o côro que tem 9 metros e 50 centimetros de comprimento sobre 4 metros de largura, e para o qual se sobe por duas escadas; que ficam dentro das duas pilastras aos lados da porta principal. Igualmente nas duas pilastras do zimborio, que olham do lado interior da nave principal nascem dois pulpitos na altura de 3 metros sobre 1 metro e 50 centimetros de diametro. As naves lateraes tem 10 metros e 70 centimetros de altura sobre 5 metros e 80 centimetros de largura, tendo do lado da nave principal 4 columnas, como se disse, e do outro lado pilastras, que formam 5 intercolumnios arcados com 1 metro e 80 centimetros de fundo, occupados por outros tantos altares, além do que fica perto do zimborio do lado da rua d'Assumpção, no qual se abre uma porta para o ingresso dos homens. O forro é feito á ducal subdividido pela architrave, que corre em todo o comprimento da nave e da columna até á pilastra.

A linha transversal da cruz divide-se em tres partes — a central e as duas lateraes: a primeira é occupada pelo zimborio, e as outras duas por duas grandes capellas arcadas, tendo de altura 16 metros e 30 centimetros e de largura 8 metros e 60 centimetros sobre 7 metros e 5 centimetros de fundo. A que fica do lado direito do altar-mór em logar de ser occupada por um altar apresenta um arco de 9 metros e 60 centimetros sobre 6 metros e 70 centimetros, dando ingresso á capella do Santissimo Sacramento, de forma semi-octangular tendo os lados principaes 4 metros e 60 centimetros, e 2 metros e 75 centimetros os outros, e ornados por 8 columnas, duas de cada lado com 10 metros de altura. Sobre essas columnas fica um entablamento de 1 metro e 15 centimetros de onde nasce um pequeno zimborio de 14 metros e 20 centimetros de altura, seguindo em tudo a mesma ordem da egreja.

O zimborio do cruzeiro da egreja baseado sobre os 4 magnificos arcos, que descançam sobre os 4 pilares de que se falou, tem 35 metros de altura até á chave, 5 metros e 70 centimetros de raio, e por base uma magestosa cimalha architravada com elegante varanda ou grade de 1 metro e 20 centimetros; por cima da dita cimalha segue-se um pé direito de 3 metros e uma facha que serve de base a um intercolumnio de 16 pilastras, que com as suas respectivas bases, e capiteis de pequena ordem tem a altura de 4 metros e 50 centimetros; por cima segue-se um entablamento de 90 centimetros Os intercolumnios são 8 e em cada um d'elles abre-se uma janella de 2 metros e 80 centimetros sobre 1 metro e 40 centimetros com os seus respectivos ornatos: por cima do entablamento segue-se um pé direito de 1 metro, e depois a magestosa curva, que deixa no seu centro ou chave uma abertura semi-circular de 3 metros e 20 centimetros de diametro, que é encoberta por uma claraboia de forma elegante tendo 8 janellas de 2 metros e 40 centimetros de altura e largura de 90 centimetros, de modo que toda a altura do zimborio unida a esta derradeira peça é de 42 metros.

A capella-mór do arco interior, que sustenta o zimborio até ao seu termo circular é formada de 6 columnas semelhantes em tudo ás do corpo da egreja e tem 12 metros de comprimento e 10 metros de largura. Os intercolumnios são 7 e abrem o ingresso ao altar-mór por meio de 3 degraus: dois d'esses intercolumnios estão nos lados e outro por traz e os outros quatro ficam fechados por meio de uma grade. Sobre as ditas seis columnas nasce o entablamento, que circula sobre toda a cruz, e sobre este nasce o forro em forma de arco abatido com quadrados postos na parte curva: na parte linear remediou-se com grandes rosões. Detraz d'essa capella ha uma nave circular, que vem a ser a quarta, com 5 metros e 50 centimetros, ornada com 6 columnas encostadas á parede em linha de raio relátivamente ao altar-mór em cujo intercolumnio abrem-se 4 capellas circulares e arcadas de 3 metros e 80 centimetros de largura e 9 metros e 20 centimetros de altura com 2 metros de fundo; o quinto intercolumnio do arco tambem abre o ingresso a uma quinta capella quadrangular de 4 metros e 40 sentimetros sobre 4 metros e 40 centimetros e esta á sachristia e torres. O forro d'essa quarta nave é feito á ducal como o das duas lateraes.

Pela descripção que deixamos feita e pelas gravuras que publicamos se pode fazer uma idéa exacta do magestoso templo, que é hoje um dos mais notaveis da provincia de Pernambuco, e que honra sobremodo os esforços da Ordem Capuchinha que tanto se empenhou para o levantar.

Devemos á amabilidade do nosso dedicado correspondente o ex.mo sr. Luiz Abranches de Figueiredo a remessa das photographias, de que damos copia, assim como o subsidio necessario para a descripção do templo.

A PORTA DA ATAMARMA, EM SANTAREM (Desenho posthumo do professor João Christino da Silva)

O QUINTO CENTENARIO
DA
BATALHA DE ALJUBARROTA

Por não ter chegado a tempo de entrar no presente numero, o artigo commemorativo da gloriosa batalha de Aljubarrota, que as nossas gravuras da oitava pagina illustram, o publicaremos no proximo numero.

As gravuras que publicamos na oitava pagina são a reproducção de dois desenhos que encontrámos n'um album do fallecido professor de pintura João Christino da Silva, e que o nosso collaborador artistico o sr. João Christino, filho d'aquelle artista, obsequiosamente nol'os cedeu.

A primeira gravura representa a praça do pelourinho da velha villa, onde se vê a casa da camara que tem por sobre a porta uma lapide em que se vê reproduzido um desenho da celebre pá da corajosa Brites de Almeida, e se lê a inscripção commemorativa do facto.

O segundo desenho representa uma copia fiel da pá com que Brites de Almeida matou sete castelhanos, a qual se guardava ao tempo em que o artista fez o desenho (1860 a 1865) em casa do reverendo Sequeira, na villa de Aljubarrota.

CASTILHO

(Concluido do n.º 240)

IX

A estas traducções seguiram-se com pequenos intervallos: o *Medico á força*, em 1869; o *Tartufo*, em 1870; o *Avarento*, em 1871; as *Sabichonas (Les precieuses ridicules)*, de Molière. Em geral não são verdadeiramente traducções e algumas é antes imitação liberrima. O auctor, convencido de que havendo mudado os tempos e os usos, e sendo um pouco differentes o caracter do povo portuguez e o seu meio de existencia, fez antes umas apropriações d'essas obras eminentes do theatro francez para a lingua portugueza, a fim de as tornar acceitaveis no nosso theatro. Que acertou no seu designio, é verdade, porque ellas teem-se repetido na scena durante annos, e em quanto muitas obras modernas desapparecem e não voltam mais ao theatro, aquellas voltam e voltarão em quanto houver actores que as possam, saibam e queiram desempenhar, porque o publico, esse está sempre disposto a vel-as e ouvil-as.

Poderá a critica acoimal-o de não haver guardado, para com o seu modelo, a fidelidade devida ao original, o que faz o primor das suas traducções de latim, a isso responderia que estas como monumentos litterarios de larga antiguidade, são trabalhos unica e exclusivamente para serem gosados e saboreados pela leitura, em quanto os outros são para o grande publico ouvir e entender e por isso seguiu n'elles outro systema. Errou? oxalá que todos os erros litterarios tivessem aquelle valor.

Chegamos ao ponto mais duro. N'esse mesmo anno de 1872, publicou Castilho a sua traducção

BRAZIL — CAPELLA DO SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS, NA NOVA EGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA, EM PERNAMBUCO
(Segundo photographia remettida pelo sr. Luiz Abranches de Figueiredo)

do *Fausto* de Gote, e essa publicação foi a origem de uma grande pugna litteraria, em que entraram muitos campeadores, alguns dos quaes já desappareceram dos arraiaes da existencia.

Essa questão é complexa de mais para a podermos decidir em quatro palavras; basta dizer-se que além de muitos artigos em periodicos, sairam á luz folhetos e volumes, alguns bem grossos.

Ainda aqui a critica foi um pouco além do que devia. Os nossos criticos collocam-se em geral n'um campo falso. Em geral criticam o auctor por não ter trabalhado segundo um plano que elles phantasiam, como se pensamento humano podesse manifestar-se igual em dois cerebros. Diga o critico sim aquillo que elle entende se devia fazer, mas não tome contas ao auctor pelo não ter feito.

Devemos considerar o que o auctor se propoz fazer, e depois examinar se sob esse plano elle executou cabalmente o seu intento.

N'esta parte vemos que o poeta Castilho seguiu com relação ao *Fausto* um systema semelhante ao que seguira com as obras de Molière. Segundo o nosso modo de vêr, parece-nos que nem sempre foi feliz, como nem sempre foi o *Filuito* na traducção dos *Martyres,* mas tanto em uma como em outra obra achamos tanta riqueza de linguagem, tantos thesouros de estylo, que essas grandes bellezas resgatam os senões que apresentam.

Seguiu-se a estas o *Misanthropo,* de Molière em 1874, e no mesmo anno publicou a primeira tentativa de traducção do theatro inglez de Shakespeare, o *Sonho de uma noite de S. João,* quanto a nós inferior aos outros trabalhos.

É pasmosa esta actividade de trabalho que este homem desenvolve nos ultimos quinze annos de vida, em que não ha um que não publique uma obra, quando não são duas! Ao passo que traduduzia ou completava traducções outr'ora começadas, de obras primas das linguas estranhas, preparava e dirigia edições novas de algumas das suas obras, e ainda a dos *Ciumes do Bardo* enriquecida com uma traducção sua para o italiano.

A Sociedade Litteraria do Porto, desejando aproveitar as suas grandes qualidades litterarias, convidara-o a verter para portuguez a obra prima da litteratura hespanhola, o *D. Quixote,* de Cervantes. Immediatamente se entregou a este trabalho com a assiduidade e fervor usuaes, mas a implacavel morte veiu sentar-se-lhe á beira; e aquella lingua riquissima gelou-se para sempre.

No dia 18 de junho de 1875 pelas duas horas e meia da tarde, extinguia-se no meio dos soluços e das lagrimas dos seus, aquella vida tão cheia de peripecias, aquelle obreiro tão rico de trabalhos.

E agora que já não existe, mas que tem o seu nome e o seu espirito reproduzido em tantas manifestações litterarias, sejamos justos, e digamos a verdade pura — manchas tambem o sol as tem, mas poucos homens em Portugal tem trabalhado tanto, e legado á sua patria uma obra litteraria, tão vasta, tão valiosa e tão opulenta.

J. B.

BRAZIL — Capella-mór e cruseiro da nova egreja de Nossa Senhora da Penha, em Pernambuco
(Segundo photographia remettida pelo sr. Luiz Abranches de Figueiredo)

José Ferreira Pestana

(Concluido do n.º 240)

III

Em 1864 foi José Ferreira Pestana novamente nomeado para o importante cargo de governador geral da India, que com tanto zelo e intelligencia já tinha desempenhado por espaço de sete annos.

Este segundo governo não foi menos importante que o primeiro, e ainda mais se assignalou por

BRAZIL — N[illegible] egreja de Nossa Senhora da Penha, em Pernambuco (Segundo photographia remettida pelo sr. Luiz Abranches de Figueiredo

relevantes serviços prestados aos seus governados e á dignidade da patria.

Sem violencia, mas com prudencia e persuação conseguiu suprimir entre a população gentilica alguns costumes barbaros, filhos das suas crenças religiosas, e entre elles a festividade do *Zatrá* que consistia no sacrificio de inçar homens até ao topo de um grande mastro, por meio de cordas cheias de ganchos como fatexas, que suspendiam pelas costas os sacrificados, rasgando-lhes as carnes, assim como a sacrificio de passarem descalços por sobre fogueiras, etc.

Melhorou quanto possivel a instrucção nas escolas d'aquelle estado incluindo as superiores que lhe mereceram toda a solicitude, e para não descurar os beneficios materiaes dos seus governados, deu o maior impulso ao decadente commercio de Gôa, coadjuvando por todos os meios ao seu alcance a *Companhia Commercial de Nova Gôa* promovida pelo sr. Custodio Manuel Gomes, seu secretario. Os resultados d'esta empreza por elle protegida foram os mais satisfatorios para o commercio, e quando o conselheiro Pestana se retirou para a Europa a referida companhia distinguiu-o com uma medalha de ouro.

Foi durante o governo do conselheiro Pestana que teve logar o assassinato do governador Ferreira do Amaral e ás rapidas e energicas providencias, que sob sua responsabilidade deu, se deve o não ter tomado maiores proporções e mais funestas consequencias aquella revolta da população chineza.

Preparou logo uma expedição militar que fez embarcar com abundantes munições de guerra, a bordo de um vapor que mandou fretar a Bombaim, e quando a população europea de Macau, aterrada pela attitude hostil da população chineza, calculava ainda longe o soccorro que reclamara do governo, chegou o auxilio enviado pelo governador Pestana que encheu de confiança a população e restabeleceu a ordem.

Um facto, porém, de maior energia avulta ainda no governo de Ferreira Pestana na India.

Tendo-se revoltado a povoação dos Fundus contra a dominação ingleza, sustentou por largo tempo uma resistencia aggressiva contra as tropas inglezas que não conseguiam levar a melhor aos revoltosos, apesar das grandes forças de que dispunham em relação a estes. Por fim os fundus tiveram de ceder, e refugiaram-se em Gôa entregando as armas ao governo portuguez. O governador ordenou que os revoltosos fossem recolhidos com suas familias n'um aquartelamento proximo de Gôa, e vigiados com assiduidade para que não voltassem para o territorio inglez.

Entretanto o governador de Calcuttá e de Bombaim, reclamavam do governador portuguez, a entrega dos revoltosos que se tinham acolhido á protecção do governo portuguez.

Ferreira Pestana insistiu em conservar sob a protecção portugueza aquelles que a ella tinham recorrido, e sustentou com tal energia e diplomacia o seu direito que nada o moveu a desistir d'elle, apesar das intimações e ameaças inglezas as mais formaes e energicas, chegando a postar-se um navio de guerra inglez em frente do palacio do governador, de morrões accesos e com a artilheria a postos. Resistiu ainda ás ordens do governo da metropole que lhe mandara entregar os revoltosos para evitar complicações com o governo inglez, e quando o coronel Outram commissionado pela Inglaterra para se entender directamente com Pestana e fazer embarcar á força, se tanto preciso fosse os revoltosos, o governador portuguez fez sentir que se os soldados inglezes forçassem o territorio portuguez levando os refugiados, elle protestaria contra esse attentado e teriam que o levar tambem a elle preso.

Esta attitude energica e cheia de razão na justa causa em que se firmava, fez desistir o governo inglez do seu insolito proceder, e respeitar a firmeza de caracter do governador portuguez.

Bem se podia applicar aqui a phrase de Victor Hugo, que diz:

«Não existem nações pequenas. Mas, sem duvida, pequenos homens!»

Muitos outros factos que confirmam a independencia, rectidão e firmeza de caracter do conselheiro Pestana, poderiamos referir se não receassemos alongar demasiadamente esta noticia biographica, por isso nos limitaremos por aqui no que nos parece que já vão bons exemplos a seguir e nobres acções a registrar.

Pestana regressou á Europa em 1870 depois de ter feito um governo glorioso, e isto n'uma edade em que já muitos procuram repousar, cançados das luctas da vida.

Conta-se que um individuo, a altas horas da noite, lhe pedira esmola n'uma das ruas de Lisboa. Elle reconheceu n'esse individuo o mesmo que no Porto o offendera quando dava volta em roda da forca, e dando-lhe dois pintos, que era metade do dinheiro que levava, lhe disse: dou-lhe um conselho, que é, se estiver alguma vez governando o seu partido, não trate mal os do partido contrario.

Este facto demonstra o homem sob o ponto de vista humanitario e nunca ninguem se lhe avantajou em rasgos de caridade até onde chegavam as suas posses.

Foi por muitos annos provedor dos recolhimentos de Lisboa, e a estes estabelecimentos de ensino e caridade, prestou os seus bons serviços promovendo-lhe todas as reformas e melhoramentos compativeis.

Quando José Ferreira Pestana morreu aos 12 de junho d'este anno, tinha já completado 90 annos de edade dos quaes empregara 75 em bem servir a patria. Sua esposa que com elle tomara parte tão importante na sua vida attribulada, já o tinha precedido na eterna viagem havia pouco mais de anno e meio, e a triste viuvez do valente patriota, mais lhe acabrulhou os ultimos dias de vida.

O conselheiro José Ferreira Pestana estava reformado em general de brigada desde 1875. Fôra nomeado par do reino, em 1862 e presidiu por vezes na camara alta. Era conselheiro de estado, por mercê de 17 de agosto de 1841; commendador da ordem da Conceição, em 16 de outubro de 1845; cavalleiro de S. Bento de Aviz e em 27 de janeiro de 1866 grã-cruz da mesma ordem; grande official da Legião de Honra, em 30 de janeiro de 1852. Renunciou o titulo de visconde de Gôa.

É uma phrase muito velha o dizer-se que vão rariando os homens como o de que nos vamos occupar, etc., mas nós não podemos deixar de a empregar a respeito de Ferreira Pestana, que reunia ás eminentes qualidades do seu caracter todas as virtudes civicas. Era uma grande alma.

C. A.

Soror Anna Maria do Amor Divino

1774—1803

(Continuado do n.º 241)

Em 1796 começou a madre Anna Maria do Amor Divino as suas *Memorias Historicas*, que terminou em 1803, isto é, 7 annos depois, menos 17 de que a madre Leonor de S. João gastou em coordenar o seu *Tratado da fundação do convento de Jesus de Setubal*, e já por aqui se deve suspeitar ser aquella mais afferrada ao trabalho, ou mais expedita n'elle, principalmente levando-lhe em conta o que a freira modestamente escreveu no prologo de seu livro, e que resa assim:

Vendo-me continuamente enferma, e há quatro annos moradora constante da enfermaria, de todo impossibilitada para ajudar as minhas amadas irmãas nos trabalhos corporaes, tanto do meu genio, como da minha obrigação, e até necessarios

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 241)

VIII

A cigana

Comprehendendo a gravidade da situação e certo da sorte que o esperava, elle jurára tirar da mulher que o trahira, e aos seus, uma vingança digna da sua ferocidade.

Matal-a não era bastante, e sobretudo era vulgar.

A sua phantasia alimentava-se do maravilhoso até ás superstições mais ridiculas e do horrivel até ás abjecções mais repugnantes.

Ondina era bella, estava em todo o vigor da mocidade e tinha o grande poder da seducção.

O seu olhar dera-lhe feitiço e a todos em que ella o fitasse uma vez.

Como todas as mulheres bonitas, ella tinha a consciencia do seu valor e fazia-o sentir em mil caprichos da sua vontade.

Pois bem. Era preciso ir feril-a justamente n'essa belleza de que tanto se orgulhava, n'esse objecto do seu desvanecimento.

Assim, desappareceria o condão mysterioso dos seus feitiços.

Se a cigana lhe houvesse advinhado o pensamento recondito com que n'aquelle momento terrivel elle a poupára á furia ameaçadora dos seus companheiros, teria preferido mil vezes antes a morte.

O homem do fato de pelles, que a conduzia nos seus braços vigorosos, atravez a sinistra escuridão d'aquella noite tremenda, ao ver destacar-se dos horisontes, na direcção da caverna aquelle sinistro clarão que lhe annunciava a sua ultima caçada, parou subitamente.

—Vês, disse elle, dirigindo-se á cigana. Está tudo perdido. A gruta foi atacada, nós estamos cercados por todos os lados. É impossivel alcançar a serra antes de o sol nascer. A tua obra está portanto completa. Agora vae começar a minha.

Dizendo isto arrastou Ondina para junto de um sobreiro secular, cuja ramaria espessa formava como que uma especie de gruta de verdura.

Ahi largou-a dos seus braços com grande violencia, de sorte que teria perdido o equilibrio, indo bater desamparadamente no chão, se o collossal tronco do velho sobreiro a que foi segurar-se lhe não houvesse servido de apoio.

Em seguida e rapidamente, sem dar tempo a nada, tirou da cinta a sua faca de matto, reluzente e ponteaguda, e avançando para a cigana segurou-a com uma das mãos, emquanto que com a outra, e sem dar tempo sequer para que lhe adivinhassem os intuitos, descarregou sobre a sua victima um ligeiro golpe na face direita.

Ondina soltou um grito dilacerante e caiu-lhe de joelhos aos pés.

Tinha adivinhado tudo, tinha comprehendido tudo.

Era horrivel, era medonho. Antes a morte. Ia ser transfigurada, ia passar pela mais terrivel das provações!

Ella conhecia esse processo infame.

Muitas vezes assistira em tempo de seu pae a essas operações repugnantes.

Em geral eram as creanças que elles preferiam para executar as terriveis mutilações.

Compravam-n'as ou roubavam-n'as para esse fim.

Davam-lhe certos golpes no rosto, depois pulverisavam esses ferimentos ligeiros com polvora e lançavam-lhe o fogo.

As creanças sujeitas a esta tortura eram assim completamente transfiguradas.

Algumas apresentavam um aspecto horrivel, que infundia pavor.

Serviam para attrahir a comiseração publica pelas feiras e estradas, onde as expunham na industria da mendicidade a que eram destinadas.

Outras, depois de submettidas a este processo infame, apresentavam umas cicatrizes que davam á sua physionomia uma expressão grutesca, de um comico irresistivel, que não podia ver-se sem frouxos de riso.

Estas eram expostas nos tablados pelos saltimbancos e jograes, em danças judengas e momos, entre os applausos phreneticos da multidão embrutecida.

N'esta industria indigna, o homem do fato de pelles podia considerar-se mestre.

Tinha para ella uma aptidão singular, uma habilidade monstruosa.

Assim, comprehendendo que sorte a esperava, em que mãos cahira, que genero de vingança aquelle malvado lhe reservava, Ondina ergueu as mãos n'uma attitude supplicante e desesperada.

—Perdão, disse ella, ou mate-me antes.

Elle, porém, impassivel, feroz, n'um estado de irritabilidade sempre crescente, lançou-a por terra, pousou-lhe sobre o peito o joelho, segurou-a com as suas mãos collossaes, e rugia como uma fera.

Não te mato, não. Quero que a tua condemnação seja mais dolorosa, que a tua expiação seja mais prolongada.

E dizendo isto secundava os golpes na face da cigana, sempre com a mesma firmeza, sem desmentir a proverbial pericia, a justa fama da sua preversidade.

—Soccorro, soccorro! gritava a sua victima com a voz abafada pela pressão que sobre ella exercia o homem do fato de pelles.

Elle sorria-lhe com uma frieza cortante.

Pódes gritar á vontade que não me escapas. Hei de transformar-te de uma maneira engraçada, graciosa. Farás rir toda a gente. Um momento mais e a minha obra será completa; depois morrerei satisfeito, ninguem poderá ver-te sem repulsão; serás na fórma o que és na essencia: um monstro, uma fera desgarrada do covil, uma furia que trahiu seus irmãos, que infamou a sua raça, que se associou aos seus inimigos para nos perder a todos.

Cançada de luctar, extenuada, cheia de um grande horror de si mesmo, escorrendo sangue dos horriveis golpes com que o malvado a estava mu-

para dar a Deus a satisfação que desejo, por meus peccados; andei pensando muito como poderia compensar a communidade em outro serviço util ao que lhe não presto na cosinha, e outras obediencias laboriosas. Se foi inspiração, ou tentação, não sei.

Eu respondo que foi inspiração, e que se a madre teve peccados, o que é mais d'o que n tural, a enfermaria resgatou-lhe metade d'elles, e as suas *Memorias historicas* purificaram-n'a do resto. A pena que eu tenho, os achaques do corpo fazem a gente casmurra, é que a madre Anna Maria do Amor Divino, descambasse para taciturna no meio do seu trabalho, privando-nos das anedoctas que nos contou nos seus dois primeiros volumes, e dos commentarios com que por vezes as apimentou.

Coitada! Quatro annos de enfermaria não são exactamente quatro annos de gaudio, como tiveram outras freiras suas contemporaneas, que comiam e bebiam á tripa fôrra *convertendo as cellas em outros tantos botequins, encobertos com umas cortinas que lhes tapavam as entradas*, como ella conta horrorisada na *Memoria* IV, da sua curiosa e veridica chronica.

Ainda se fossem só comes e bebes, vá. Mas qual! A nossa madre, que julgo não contava com a publicidade que eu hoje estou dando á sua escripta, accrescenta cheia de indignação, que houve tempo em que a *relaxão*, a palavra é d'ella, chegára a ser grande no convento de Setubal, *a ponto dos dormitorios se verem afidalgados com roupas de linhos*, o que de mim para mim cuido não ser grande peccado, mas até *a quebrar-se o silencio e a moderação das vozes, que tanto recommenda a regra, e recommendam os estatutos.*

Estava tudo perdido, continua a freira, *conversava-se a toda a hora do dia e da noite; e até se ouviam no claustro cantigas, e modas do seculo.*

Isto é um pouco mais serio, do que fazer patuscadas nas cellas fóra d'horas, mas ainda assim, tambem me não parece que cantar modinhas profanas seja coisa que leve ao purgatorio, principalmente em um seculo, como o seculo passado, em que as modinhas davam uma feição especial á sociedade portugueza, e em que os frades se desenjoavam do cantochão, cantando o *Senhor Francisco Bandalho*, e outras sensaborias de egual jaez.

O que mais importa saber, e a nossa freira conta-o sem resguardos, é: *que o palratorio do convento nunca estava vasio, e que quem queria ia lá sem licença; apparecendo um dia quebradas algumas das pontas de ferro das grades que resguardavam o locutorio!*

A este respeito a chronista guarda um discreto e prudente silencio, mas o leitor que não é tolo, faço-lhe esta justiça, e não é para que m'o agradeça, ligando este facto com outros que lhe vou narrar, por muito desmalicioso que seja concluirá, que ninguem parodía Sansão por devertimento, quebrando grades de ferro, vindo depois a logica, que é bisbilhoteira, abrir-nos os olhos, e pôr os pontos nos *ii* na denuncia de madre Anna Maria do Amor Divino.

Apezar da madre nos dizer que dos factos passados no seu tempo *escreverá mais affoita* do que d'aquelles de que teve noticia pela tradição, é ainda ella que nos narra, com uma certa pudicicia claustral, o caso de uma freira, *cujo nome não ha de manchar as paginas da sua chronica, que pela sua ruim cabeça foi origem de duas mortes e cobriu de lucto as paredes d'aquelle sagrado recinto!*

Confesso que não sei harmonisar a promettida affoiteza da chronista, na narrativa desassombrada dos factos coevos, com este simples e enygmatico enunciado de duas mortes que cobriram de lucto as paredes de um mosteiro de monjas, sem nos saciar a curiosidade, já não digo com a declaração do nome da peccadora, mas pelo menos dos dois campeões que deslindaram de vez os seus reciprocos aggravos, em duello singular, como legitimos descendentes dos doze de Inglaterra!

A chronista passa a esponja sobre os pormenores d'esta tragedia, e apenas accrescenta em tom de commentario:

«Que desgraça! Porém, em geral, que honra podia vir á casa por uma cabecinha de vento, que, mettendo cá dentro o corpo, deixava lá fóra a alma enterrada, e de cá mandava para fóra os olhos e o coração? Que observancia se podia esperar de uma desgraçada victima da violencia? Que virtude podia prometter um genio altivo, falador, mettediço, arengueiro, senhor das suas vontades, escravo dos seus caprichos?»

Ora vejam se não é dá gente ficar com o agua na bocca, ao ler o retrato da ladina rapariga, *arengueira e senhora das suas vontades*, que soubera virar o miolo a dois homens ao mesmo tempo, sem nos dizer quem elles eram, nem como a enclausurada *mandava para fóra os olhos e o coração?*

Tão deveras, porém, guardou a chronista este, talvez para sempre inviolavel segredo, que, lendo eu attentamente as biographias de todas as freiras professas no convento de Setubal, desde a sua fundação, até 1813, não pude pôr o dedo na travessa e endemoninhada protogonista da tragedia que teve por desfecho duas mortes, tão de calculo a chronista a confundio com as outras que nada tinham que se lhes dizer!

Este processo demasiadamente evangelico, mas pouco coherente com as leis da historia, applicou tambem a madre Soror Anna Maria do Amor Divino a um padre, que fôra confessor do convento e a quem ella põe pelas ruas da amargura, sem lhe dizer o nome, e a quem depois confunde na turba-multa dos seraphicos passa-culpas que, durante quatro seculos, ouviram de confissão as freiras do real convento de Jesus, de Setubal. Logo falarei d'este anonymo maganão, que foi um dos principaes, senão o principal motor do relaxamento da ordem religiosa fundada por Santa Clara, e reformada, quem tal havia de dizer! por Santa Colleta, de pudica e perfumada memoria!

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

RESENHA NOTICIOSA

A FORTUNA DE VICTOR HUGO. Sóbe á importante cifra de cinco milhões de francos, a herança de Victor Hugo. Só no anno de 1884 os rendimentos de direitos de auctor, se elevaram á somma de um milhão e cem mil francos.

A HOLLANDA. É este o titulo de um livro do sr. Ramalho Ortigão, que deve ser posto á venda em breves dias. O livro é uma primorosa descripção da Hollanda, por onde o sr. Ramalho Ortigão viajou ha annos.

EMISSARIOS DE GUNGUNHAMA. Chegaram a Lisboa tres emissarios do regulo Gungunhama que vem renovar o tratado de vassalagem ao rei de Portugal. Estes emissarios trazem presentes do seu paiz para o rei de Portugal, e vão ser recebidos pelo soberano em audiencia real, na qual se apresentarão em costume do seu paiz, isto é, de tanga de couro cortada em tiras, os braços e as pernas enfeitadas com tranças de crina e na cabeça uma cuia ou cabaça com um grande penacho de pennas de abestruz. Este trajo é só para a recepção official, pois fóra d'isto os emissarios vestem calças e casacos de flanella azul como homens civilisados.

HISTORIA DA LUSITANIA E DA IBERIA, por J. Bonança. Uma commissão de cavalheiros se reuniu para publicar esta obra em que o sr. Bonança trabalha ha annos; publicou o programma da obra, que não podemos reproduzir, pela sua extensão, mas que está na mão de todos. Não se podendo julgar de uma obra senão depois da sua publicação, não julgamos conveniente emittir opinião so-

---

tilando, Ondina ia desfallecer quando aos seus ouvidos a brisa da noite trouxe o echo de uma voz perdida nas solidões da planicie, e que dizia:

— Ondina, Ondina.

Fez então um grande esforço e com uma firmeza e vigor de que nunca se suppoz capaz bradou ainda uma vez:

— Acudam-me, acudam-me!

Aquella voz era a do *Frade*, que percorria a planicie á sua procura.

Animada por este soccorro inesperado, conseguiu erguer-se e já luctava braço a braço com o terrivel scelerado.

N'isto acharam-se de subito cercados por um dos piquetes que o *Frade* fizera destacar em diversas direcções e que os gritos da cigana attrahira áquelle ponto.

O homem do fato de pelles largou-a então, e em presença do perigo que corria pôz-se em acção de defender-se.

O primeiro que se approximou d'elle para o prender recebeu tão certeiro golpe da faca do scelerado que logo foi cair instantaneamente morto.

Seguiu-se-lhe da mesma sorte outro camarada e ainda um terceiro.

O homem do fato de pelles desenvolvia uma energia invencivel; o seu braço tinha um vigor indomavel, o seu pulso uma força herculea.

Dir-se-ia invulneravel.

No primeiro encontro denunciou-se logo e houve um momento em que só elle conservou a certa distancia, n'uma attitude respeitosa, oito homens, que tantos eram os que formavam o pequeno piquete que se propozera dar-lhe voz de preso.

Depois, furiosos pela resistencia do malvado, cahiram sobre elle, colhendo-o n'um circulo de aço, e bradando:

— Rende-te ou morres.

Mas o homem do fato de pelles parecia escarnecer da morte e pouco disposto a render-se.

De um pulo ganhou a forte barreira que formavam ao redor d'elle, e poz-se em fuga desordenada.

Correram ainda em sua perseguição, mas convencidos de que não o alcançariam, nem tiravam a melhor de tal adversario, atiraram-lhe de longe, como a lobo, muitos tiros ao acaso.

Foi assim, ferido, por effeito de um d'esses tiros, que elle veiu cair mortalmente nas mãos do *Frade*, o seu figadal inimigo.

Os soldados, ao contarem o succedido, vendo o famoso scelerado morto, alli estendido aos seus pés, ainda cuidavam que elle estava vivo.

— Mas a cigana, que fizeram vocês da cigana, perguntava-lhes o *Frade* com o maior interesse.

— Levaram-n'a dois dos nossos camaradas para o casal proximo, responderam elles.

Não precisou saber mais.

Pôz-se a caminho, na direcção do sitio que lhe haviam indicado.

Momentos depois contemplava com horror, com assombro, com desespero, as medonhas mutilações que o seu terrivel adversario havia feito nas faces da cigana.

Nada comparavel á sua indignação. Parecia louco.

Assombrára-o aquelle desenlace inesperado.

Curvou-se de joelhos diante de Ondina e exclamou:

— Perdão, eu quiz salval-a e perdia-a, cuidei que me sacrificava pela sua felicidade e fui o causador da sua desgraça.

Ella não estava em estado de poder comprehendel-o.

Sentia-se febril e delirava, soltando muitas palavras sem nexo, em uma grande confusão de idéas.

No estado em que se achava era impossivel ser transportada para outro logar.

Deu ordem a tudo de que pudesse carecer e voltando ao sitio em que deixára o valente animal seguro a uma estaca, junto de uns silvados, machinalmente, de um modo na apparencia distrahido, saltou para a sella e pôz-se a caminho, ao acaso, sem destino, sem precisar bem o que fazia.

— E agora, agora, repetia elle a si mesmo em sobresaltos de inquietação.

Ás primeiras alvoradas do dia, um dia triste e nebuloso de outono, achou-se á entrada de uma pequena povoação, já sua conhecida.

Então ouviu proferir o seu nome com indignação e desespero.

Voltou-se logo sobresaltado como se uma força occulta o movesse, e viu junto de um portal, amarrados fortemente uns aos outros, muitos homens, mulheres e creanças, tudo na mesma leva, tratados por igual, com o mesmo rigor, com o mesmo desprezo.

Alguns soldados vigiavam este bando miseravel, que tinha no seu conjuncto o quer que era da repugnancia do monturo, cujos miasmas enchiam o espaço.

Era repellente.

O *Frade* reconhecera-os a todos, tinha vivido com elles, haviam sido seus companheiros em mil aventuras perigosas e arriscadas.

Faziam parte de uma das levas de ciganos que na noite anterior haviam sido apanhados na caverna.

Apontavam-n'o elles, grandemente enfurecidos, como causador da sua desgraça e cobriam-n'o de maldições.

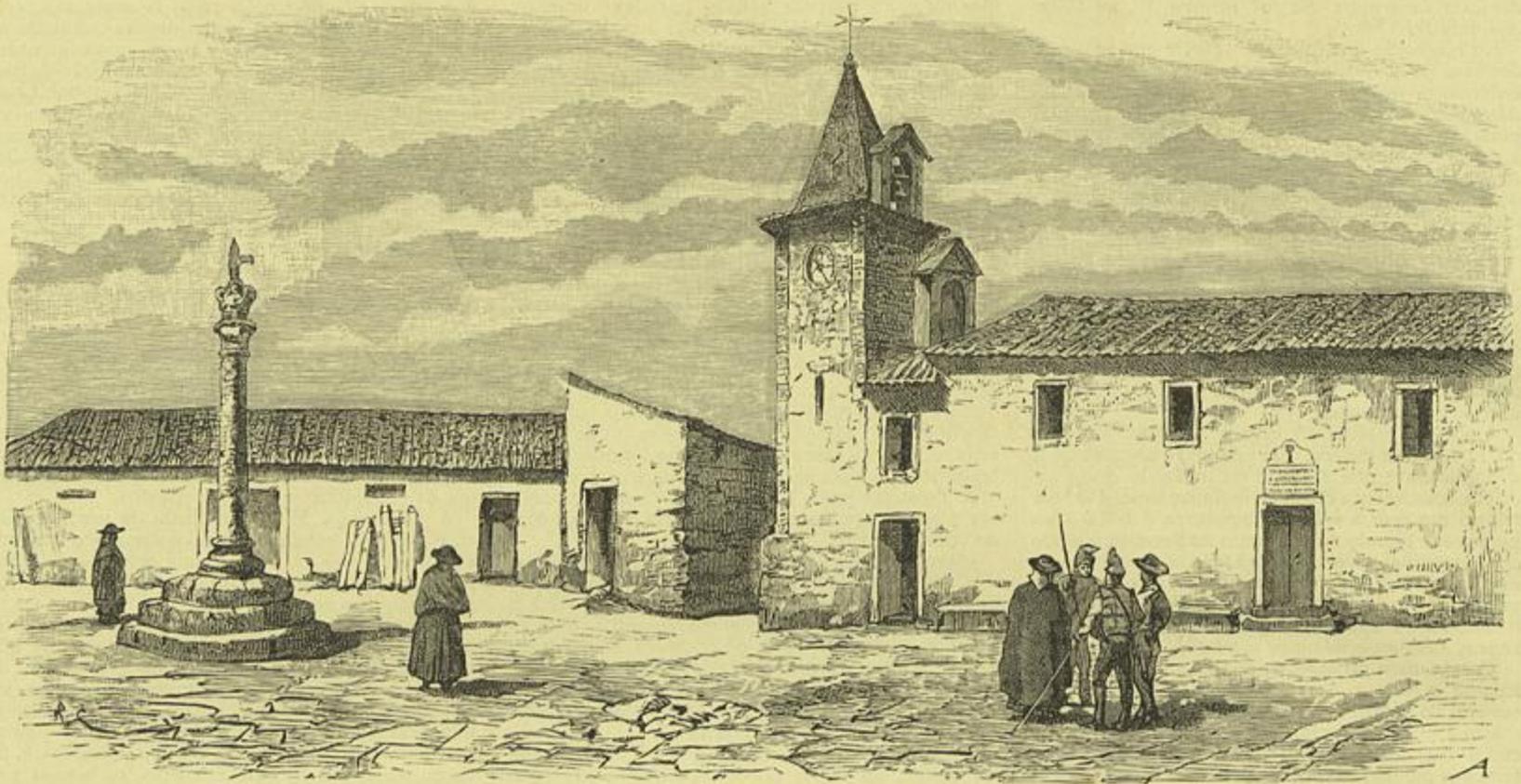
O *Frade* metteu esporas ao cavallo e só parou quando cessaram de echoar nos seus ouvidos os clamores e gritos d'aquella gente, cuja indignação elle não tinha agora coragem para affrontar de perto, face a face.

Achava justas e merecidas aquellas recriminações.

Se elle tivesse conseguido salvar Ondina, se essa mulher estivesse alli ao seu lado, com todo o esplendor da sua belleza, em todo o vigor dos seus annos, não se haveria por certo acobardado assim.

Teria passado triumphante e altivo em face de toda aquella gente, com a consciencia bem forte da sua superioridade, cuspindo sobre as faces esqualidas d'aquelles miseraveis, todo o amargo fel da sua ironia e do seu desdem profundo!

(Continúa) Leite Bastos.

O QUINTO CENTENARIO DA BATALHA DE ALJUBARROTA

ALJUBARROTA — Praça do Pelourinho (Desenho posthumo do professor João Christino da Silva)

bre o assumpto, pelo simples elenco dos capitulos, onde se avançam proposições que estão em opposição a muitos resultados obtidos pelos trabalhos de todos os sabios n'estes ultimos cem annos. Desejamos por isso ver quanto antes publicado tão importante trabalho, e se o auctor, como assevera um erudito, chegou a decifrar os caracteres do alphabeto chamado celtiberico, damos-lhe por isso os nossos sinceros emboras, e recommendamos o seu trabalho a todos os que se interessam pelo conhecimento da historia do passado.

As ilhas Carolinas. Descoberta uma ou duas pelos portuguezes, completo o seu descobrimento pelos hespanhoes e por elles tomada a posse, e dado o nome, conservaram o seu dominio sobre ellas, mais nominal que effectivo, como a nós nos tem succedido em muitas outras possessões. A conferencia de Berlim, se foi sollicitada por Portugal, como se affirma, foi uma imprudencia inqualificavel, porque sem este pequeno paiz ter sondado a opinião das potencias pelo menos da mesma raça, não a devia propor, e depois de assente o seu programma pela Allemanha não a devia acceitar, sem reservas e declarações que lhe permittissem abandonal-a. Os motivos por que a Italia não appoiou Portugal vão-se vendo agora, e a Hespanha que se achava, a muitos respeitos, nos mesmos casos de Portugal, andou com pouca firmeza e decisão, pelo que começa agora a soffrer as consequencias d'essa falta. A Allemanha ordenou á sua esquadra que arvorasse a sua bandeira na ilha de Yap, uma das Carolinas, sobre cuja posse já havia uma especie de questão diplomatica ha tempos. O governador das Filippinas havia recebido ordem de preparar uma expedição para ir tomar posse definitiva das Carolinas; partiu esta e quando se achava em Yap e o commandante de um navio se preparava para fazer um desembarque e plantar alli de novo o pavilhão hespanhol, o commandante de uma canhoneira allemã alli surta desembarcou de noite e ao raiar da manhã viu-se alli arvorado o pavilhão allemão, contra o que os hespanhoes se limitaram a protestar. Conhecido o caracter fervente e arrebatado do povo hespanhol, facilmente se imaginam as consequencias que d'ahi derivaram. Reuniões populares nas diversas cidades, nas diversas sociedades; generaes reenviando á Allemanha as condecorações com que os haviam agraciado foram os primeiros symptomas, mas quando aquellas noticias foram conhecidas, o povo indignado correu á casa da legação allemã, arrancou o escudo das armas e o pau da bandeira, quebrou-os e queimou-os. O governo protegeu o ministro com uma escolta da guarda civil, e apesar das desapprovações do governo, as manifestações reproduzem-se por toda a parte, a nação pede energia e quer combater os allemães. Os telegrammas ora nos dizem haver esperanças de accommodação, ora dizem que os allemães julgam hypotheticos os direitos da Hespanha. As ultimas noticias dão os respectivos ministros da Allemanha em Hespanha, Solms, e d'esta em Berlim, marquez de Bedmar, promptos para se retirarem. Veremos o que dá o futuro.

A pá de Aljubarrota, da padeira Brites de Almeida
(Desenho posthumo do professor João Christino da Silva)

Pantheon dos portuguezes. A sociedade de soccorros portuguezes, em Montevideo, inaugurou alli, com grande pompa, no cemiterio do norte, um vasto pantheon, para sepultura dos portuguezes pobres fallecidos. Bem hajam.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, *fundado em 1875... Lisboa, Imprensa Nacional, 1885*; — publicaram-se os fasciculos n.os 1 e 2 da 5.ª série, os quaes comprehendem, além do extracto das actas das sessões da sociedade, os seguintes interessantes trabalhos: *Novas jornadas de Silva Porto nos sertões africanos*, especie de diario simples e despretencioso desde 1 de novembro de 1879 até 8 de janeiro de 1880; *No Congo, trabalhos da missão portugueza de S. Salvador* I apontamentos de uma viagem ao Bembe, pelo padre Antonio José de Sousa Brum; II *Breve noticia de uma viagem ao rio Lunda em agosto de 1853*, pelo padre Sebastião José Pereira; *Timor*, pelo major José dos Santos Vaquinhas; *Oppida restituta* (as cidades mortas de Portugal), por A. C. Borges de Figueiredo; *Benguella*, por J. A. das Neves Ferreira.

Bibliotheca do povo e das escolas... *David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas... Administração: 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa; Filial no Brazil: 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.* Fasciculo n.º 112, *Restauração de quadros e gravuras*, por Manuel de Macedo, conservador do Museu Nacional de Bellas-Artes; o nome do auctor e a sua reconhecida proficiencia em assumptos artistico-archeologicos, dão a este opusculosinho todo o interesse.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, por Eduardo Freire de Oliveira, publicou-se a folha 3 do II volume em que se continua a materia da antecedente, notas curiosas e importantes prehenchem a maior parte d'esta folha, nas quaes vem publicado o regimento para as eleições camararias, feito no tempo de D. João I que é um documento importante do modo como se regulavam e attendiam certos assumptos, n'aquelles remotos tempos.

Typ. Elzeviriana. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.